

# A “VERDADEIRA MULHER”: BELA, EMPODERADA E DO LER

THE “REAL WOMAN”: BEAUTIFUL, EMPODERATED AND READER

LA "VERDADERA MUJER": HERMOSA, “EMPODERADA” Y DE LA LECTURA

*Luciane de PAULA\**

*Carolina Gomes SANT’ANA\*\**

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar duas capas e uma matéria da revista **O Diabo a Quatro**, de 1879, como resposta a movimentos de luta pela inclusão de mulheres na política, em cotejo com a matéria “Bela, recatada e ‘do lar’”, da revista **Veja**, de 2016; e com declarações de participantes (oficiais ou não) do governo Bolsonaro (Damares Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; e Italo Marsili, médico cotado para ministro da saúde) sobre a mulher, seus direitos e deveres. A fundamentação teórico-metodológica se embasa nos conceitos de ideologia, dialogia e voz social dos estudos bakhtinianos. Os resultados revelam o quanto, em qualquer época, se, por um lado, os movimentos feministas atuam com força total, por outro, com a mesma potência, movimentos tradicionais que reproduzem valores conservadores respondem de forma ativa. Refletir sobre esse embate de forças sociais é a relevância deste texto.

**Palavras-chave:** Estudos Bakhtinianos; Dialogia; Ideologia; Voz social; Mulher.

**Abstract:** This article aims to analyze the cover and an article from the magazine **O Diabo a Quatro**, from 1879, as an answer to movements that fought for the inclusion of women in politics, in comparison with the article “Bela, recatada e ‘do lar’”, from the magazine **Veja**, from 2016; and with statements from members (officials or not) from Bolsonaro's government (Damares Alves, minister of Women, Family and Human Rights; and Italo Marsili, doctor suggested to be minister of Health) about women, her rights and duties. The theoretical-methodological foundation is based on the concepts of ideology, dialogue and social voices from Bakhtinian studies. The results reveal how much, at any time, if, on the one hand, the feminist movements act with full force, on

---

\* Doutora (2007) e Mestre (2003) em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) pela UNESP – Araraquara. Graduada (1997) em Letras pela mesma instituição. Professora da UNESP – Assis, do PPGLLP – Araraquara e do ProfLetras. Contato: lucianedepaula1@gmail.com.

\*\* Mestranda (2020) em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) pela UNESP – Araraquara. Graduada (2018) em Letras pela UNESP – Assis. Contato: carolgs03@gmail.com.

the other, with the same strength, traditional movements that reproduce conservative values answer actively. Reflecting about this clash of social forces is the relevance of this text.

**Keywords:** Bakhtinian studies; Dialogue; Ideology; Social voice; Woman.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la portada y un artículo de la revista **O Diabo a Quatro**, de 1879, como respuesta a los movimientos que lucharon por la inclusión de la mujer en la política, en comparación con el artículo “Bela, recatada e ‘do lar’”, de la revista **Veja**, de 2016; y con declaraciones de miembros (funcionarios o no) del gobierno de Bolsonaro (Damares Alves, ministra de Mujer, Familia y Derechos Humanos; e Italo Marsili, médico sugerido para ser ministro de Salud) sobre la mujer, sus derechos y deberes. El fundamento teórico-metodológico se basa en los conceptos de ideología, diálogo y voces sociales de los estudios bakhtinianos. Los resultados revelan cuánto, en cualquier momento, si, por un lado, los movimientos feministas actúan con toda su fuerza, por el otro, con la misma fuerza, los movimientos tradicionales que reproducen valores conservadores responden activamente. Reflexionar sobre este choque de fuerzas sociales es la relevancia de este texto.

**Palabras clave:** Estudios Bakhtinianos; Diálogo; Ideología; Voz social; Mujer.

## **Introdução**

Muito antes do sufrágio, que marcou a primeira onda do movimento feminista, mulheres ao redor do mundo já lutavam por seus direitos e assumiam posicionamentos ativos de resistência a uma sociedade que oprime as mulheres. No Brasil, desde os tempos do Império, mulheres batalham por seu direito de participação na política, esfera que, apesar de ser exclusivamente constituída por homens até bem pouco tempo e, ainda hoje, majoritariamente, toma decisões que afetam profundamente todas e todos. Durante a busca por direitos, também sempre houve e há o surgimento de críticas a essas mulheres e seus ideais de emancipação, feitas por pessoas e dispositivos que buscam manter o sistema ortodoxo que sustenta o adestramento das mulheres em favorecimento de uma cultura patriarcal. A igualdade na legislação é um dos primeiros passos de empoderamento da mulher, pois garante direitos iguais, assim como a possibilidade de ir à justiça ao sofrer qualquer tipo de violência ou injustiça, seja no trabalho ou na vida privada. Contudo, Saffioti (1987, p. 15) afirma em **O poder do macho** que:

Estruturas de dominação não se transformam meramente através da legislação. Esta é importante, na medida em que permite a qualquer cidadão prejudicado pelas práticas discriminatórias recorrer à justiça. Todavia, enquanto perdurarem discriminações legitimadas pela ideologia dominante, especialmente contra a mulher, os próprios agentes da justiça tenderão a interpretar as ocorrências que devem julgar à luz do sistema de ideias justificador do presente estado de coisas. O poder está concentrado em mãos masculinas há milênios. E os homens temem perder privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres.

Em 1879, a revista **O Diabo a Quatro** publicou em sua capa uma ilustração chamada “Verdadeira mulher”, de uma mulher com roupas da época (que cobriam seu corpo inteiro), dentro de casa, cuidando dos filhos, com a legenda “Esta é a mulher do lar, a mulher esposa, a mulher mãe [sic], a mulher *escravizada* [sic]... pela natureza: - a verdadeira mulher”. O enunciado é analisado aqui como uma unidade interssemiótica, ou seja, em sua constituição verbo-vocal (a legenda) e visual (o desenho), uma vez que a constituição global de uma obra é composta pela arquitetônica de suas dimensões. Para compreendê-lo, consideramos seus elementos estruturais e discursivos - nesse caso, verbivocovisuais, tal qual abordado por Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e), calcados nos estudos bakhtinianos. Para isso, focamos-nos, principalmente, nas concepções de signo ideológico, dialogia e voz social, na relação que possuem com outras noções balizadoras da tridimensionalidade constitutiva da linguagem, expressa de maneira explícita como verbo-visual, mas com a vocalidade potencialmente marcada pelo que Volóchinov (2018), ao se voltar à poesia de Pushkin, chama de “leitura em voz alta”.

Como o método sociológico da linguagem (assim chamado por Volóchinov, 2016, s/d, 2019) adotado se calca na dialética-dialógica e inclui o cotejo como elemento essencial analítico, focamos nossa análise, neste artigo, em duas ilustrações de capa da Revista **O Diabo a Quatro**, de 1879; em diálogo com uma matéria da **Veja**, de 2016; e com algumas falas de Damares Alves e Ítalo Marsili, que trabalham, a primeira, oficialmente (como Ministra da Mulher, da Família e dos

Direitos Humanos) e, o segundo, extraoficialmente (ainda que cotado para Ministro da Saúde), do governo Bolsonaro, em 2020.

Os enunciados que compõem o *corpus* deste artigo foram selecionados por sua temática (a questão dos direitos e deveres das mulheres, nas esferas política, midiática e doméstico-familiar). Além disso, outro critério foi o dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 2016), semelhantes e diferentes, mas da mesma esfera de atividades (as capas da **O Diabo a Quatro**, a matéria da **Veja**, em cotejo com declarações públicas de Damares e Ítalo). O ponto de vista valorativo comum também foi um critério de escolha (uma voz social dominante – machista, pois visa inferiorizar a mulher, ao tirar dela seus direitos e forçá-la a um papel dócil e submisso de mãe, esposa – dona de casa – e amante, calcados em argumentos religiosos e biológicos, sem embasamento científico), uma vez que o nosso objetivo é refletir sobre o embate de vozes contrárias, em disputa de forças centrípetas (centralizadoras) e centrífugas (dispersivas) no tecido social, ao longo da história e em diversos países.

Com essa delimitação, objetivamos demonstrar o quanto os discursos machistas respondem às lutas por equidade, entre e sobre as mulheres, ao longo da história, com argumentos e estratégias retóricas discriminatórias e opressoras cristalizadas, utilizadas, no caso, pelas mídias (mas não só), para sustentar o sistema patriarcal e garantir o *status quo*, em disputa de forças com a luta pela mudança sistêmica.

A relevância desta reflexão se pauta na compreensão do embate de vozes e valores sociais que pautam as relações de gêneros de forma hierárquica em todas as esferas de atividades, ao longo da história. Os resultados demonstram que a tradição discursiva sustenta uma imagem de “mulher, objeto cama e mesa” (STUDART, 1974), tratada como “segundo sexo” (BEAUVOIR, 1980a, 1980b), marcada como santa ou satânica e ainda no “mito do amor materno” (BADINTER, 2009), amparado pelos discursos religioso e biológico.

A estrutura deste artigo não separa teoria de análise, pois sua escrita dialógica lança mão das noções teóricas ao passo em que as reflexões analíticas são empreendidas. Nesse sentido, num primeiro momento, voltamo-nos à Revista de 1879 para, depois, relacionarmos os valores nela expressos com os cotejos eleitos (já mencionados) para, finalmente, chegarmos aos resultados depreendidos.

## I. Mulher “de verdade”: uma construção hegemônica valorativa

De acordo com Bakhtin (2009), a linguagem é um fenômeno social da interação discursiva que se materializa pela enunciação, em ato. Como a sociedade está em constante transformação, a linguagem também está em constante movimento, com mudanças não apenas estruturais/sistêmicas (sejam linguísticas, na dimensão verbal, sejam de outros códigos, nas dimensões vocais/sonoras e visuais), mas também ideológicas. Um ato discursivo é um ato social, pois é na e pela linguagem que se expressam as vozes sociais dos sujeitos e seus grupos e classes, de forma individual e social, ao mesmo tempo.

Ao utilizar o termo voz, Bakhtin (1993, 2010a) não se refere, necessariamente, à linguagem oral. Voz representa a valoração do sujeito. Mesmo sendo o posicionamento construído com o seu estilo (BAKHTIN, 2015) arquitetônico, este é, ao mesmo tempo, individual e social, pois formado pelas múltiplas interações e relações sociais heterogêneas vividas pelo sujeito em sua experiência. Não sendo neutras, a língua/linguagem e as vozes integram um jogo de poder de embate entre axiologias.

A heteroglossia, entendida como multiplicidade de vozes, concretiza a heterogeneidade da linguagem (BAKHTIN, 2010a). Na interação, o embate de ideias nem sempre é harmônico. Nesse sentido é que o discurso é diálogo e pode ser compreendido como arena/palco de confronto entre ideologias, onde se digladiam valores sociais contrários e contraditórios, interna e externamente.

Díálogo, na perspectiva bakhtiniana, não se refere a uma conversa entre dois sujeitos, em voz alta, mas também à relação responsiva entre dois (ou mais) enunciados, mesmo que de diferentes épocas [relação entre o pequeno e o grande tempo (BAKHTIN, 2018), de maneira situada], como propomos explicitar neste artigo. Para Bakhtin (2012, p. 117), “toda comunicação verbal<sup>1</sup>, de qualquer tipo que

---

<sup>1</sup> Preferimos a expressão “interação discursiva”, como tem sido usado nas traduções mais recentes das obras bakhtinianas, uma vez que pensamos a linguagem de maneira ampla, tridimensional, como entendem Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e), como dimensões constitutivas integrais da linguagem, denominadas pelos autores como verbivocovisuais, expressas explícita ou potencialmente.

seja” é dialógica, mesmo “o monólogo solitário”, como destaca Volóchinov (2018). Todo discurso é responsivo (a outros enunciados, passados e futuros; e sujeitos). Todo enunciado é peculiar, único, singular e, ao mesmo tempo, elo na cadeia discursiva e formado por uma multidão de fios ideológicos tramados que refletem e refratam vozes sociais em interação, expressas concretamente, arquitetadas com determinado acabamento (ainda que nunca totalmente acabado/finalizado/fechado).

Os sujeitos são responsáveis e éticos às valorações que exprimem. Para Bakhtin, “[...] os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem auto suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados” (2009, p. 316).

Na linguagem, o sujeito se coloca, expressa e entende o mundo. A consciência [BAKHTIN (VOLÓSHINOV), 2001] é formada por signos ideológicos (que Volóchinov, 2018, chama de cognoscível – conhecido/codificado). Segundo o Círculo, não temos acesso ao que ele chama de dado puro, à realidade direta, mas aos discursos que a semiotizam. A linguagem é que nos acessa ao que temos no mundo.

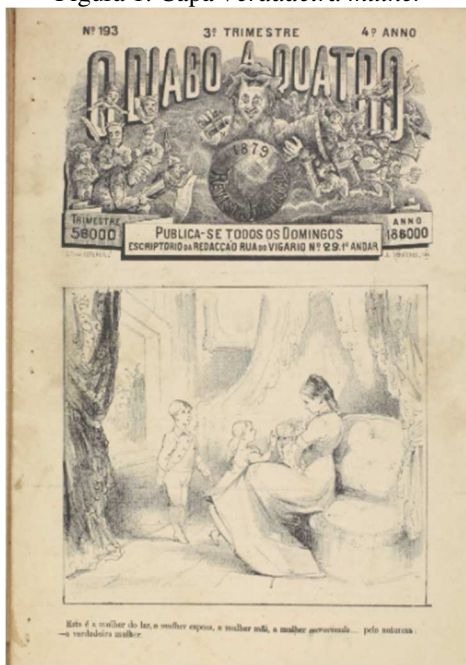
De acordo com os estudos bakhtinianos, o sujeito se constitui na relação de embate de vozes que ocorre em qualquer âmbito. Elegemos a esfera midiática e alguns gêneros (capa e reportagem) de revistas, em interação. Afinal, segundo Volóchinov, “Não compreenderemos nunca a construção de qualquer enunciação [...] se não tivermos em conta o fato de que ela é só um momento, uma gota no rio da comunicação verbal, rio ininterrupto [...]” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 158). Por isso, o cotejo, como propomos neste artigo, é essencial, pois constitui o método sociológico bakhtiniano.

Volóchinov (2018) explica que a concretização da ideologia ocorre no signo [não apenas verbal – tanto que estuda música (VOLÓCHINOV, 2019)], a partir de uma ideia (semiótica) de vida (BAKHTIN, 2009). Afinal, “A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 157).

Palavra, desse ponto de vista, ganha um sentido alargado, de enunciado completo (BAKHTIN, 2010a), pois liga a linguagem à história e revela os valores de um sujeito e grupo/classe social, num ato discursivo, como o que as revistas aqui analisadas ilustram, em embate sobre valores imputados a imagens de construção de mulher(es), como elos singulares, pois arquitetam um ato discursivo que se revela em eventos únicos e se ligam a um grande projeto de dizer (no caso, sistêmico, pois patriarcal).

Volóchinov afirma que “Qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo.” (2013, p. 196). A capa (Fig. 1) com a ilustração denominada “Verdadeira Mulher”, revela um valor desde o seu título que, pela adjetivação, qualifica mulher como “verdadeira”, em oposição a outras imagens de mulher, presumidas axiologicamente, por comparação, como “falsas”.

Figura 1: Capa *Verdadeira mulher*



A revista, assim como outros enunciados midiáticos, caracteriza-se, entre outras coisas, como instrumento de divulgação de ideias e costumes. Essa capa reflete e refrata, por meio da imposição da ideologia dominante, uma voz social machista conservadora que insiste em manter a mulher “no seu devido lugar”, que, para uma ala (um grupo) da sociedade, é o lar, cuidando da casa e da família, com uma vida servil aos outros, sem autonomia e domínio sobre si e o mundo ao seu redor. Essa ideia é justificada pelo autor-criador (BAKHTIN, 2011) do enunciado (um homem que reflete e refrata a voz social machista, tanto da revista quanto de um grupo conservador) com o argumento biológico (tipicamente usado ao longo da história, de acordo com os estudos de Beauvoir, aliado ao discurso fundamentalista religioso) de que se refere à “natureza” da mulher.

Conforme Saffioti (1987, p. 9), esse processo pode ser explicado (como também o faz Beauvoir, 1980b, segunda parte ou segundo tomo, a depender da edição) da seguinte maneira:

[...] a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino. Torna-se, pois, clara a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico à mulher. [...] A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz.

A revista apresentada trata com escárnio aquelas mulheres que buscam mudanças, tentando silenciar suas vozes e desvalorizar suas lutas, como não-modelares, mais, como se não fossem sequer mulheres, uma vez que “anormais” e contrárias à natureza. O ato de tentar transformar uma construção cultural em uma verdade imutável criada pela natureza é um ato político, uma estratégia de controle, de impedir que aqueles dominados pelo sistema o questionem e reivindiquem mudanças, com suas forças (sejam de/pelo trabalho, sejam de outro tipo). Para Volóchinov, “todo sistema de normas sociais encontra-se em uma posição análoga. Ele existe apenas em relação à consciência



subjetiva dos indivíduos que pertencem a uma dada coletividade” (2018, p.175), o que relativiza as forças e as coloca em embate.

A naturalização da hierarquia e da subordinação é uma estratégia discursiva utilizada para convencimento e persuasão dos sujeitos para que aceitem as normas e, com isso, o sistema seja sustentado de acordo com essa falácia, conveniente para quem se encontra no poder e, em especial, para os homens, que usufruem das mulheres, tratadas como “objeto cama e mesa” (STUDART, 1974 – título da obra).

A ilustração, monocromática e de traços leves, em estilo de um rascunho, não apresenta detalhes cenográficos, além da ambientação suficiente para caracterizar o ambiente doméstico, de uma sala de estar glamourosa (pelo tipo de poltrona onde a mulher se encontra e pelas cortinas). A mulher, neste lugar da casa, com duas crianças, caracteriza o lugar de fala (RIBEIRO, 2019), logo, a voz social não dessa, mas sobre essa mulher: o da alta classe social, que compreende a “verdadeira mulher” como a mãe zelosa por seus filhos e a mulher cuidadosa de sua casa, à disposição de seu marido. Calada, sem voz (o que significa sem personalidade, sem desejos, sem subjetivação, sem identidade), ela é apenas um adereço (o principal) da casa, do homem e dos filhos. Um objeto sobre o qual se imputa a valoração e a utilidade que se quiser.

Nessa mesma edição da revista, há uma outra ilustração (Fig. 2), intitulada “A emancipação da mulher”, com a frase “deveres do homem” acima de um homem (um trabalhador, um homem de uma classe social rural e popular) alimentando perus e, ao seu lado, uma mulher sentada em frente a uma lousa com equações, um globo terrestre e uma grande pilha de livros, com o dizer “direitos da mulher” acima do desenho. A mulher (chamada de “madame”, de outra classe social, alta) lê um livro de medicina e fuma um cachimbo com perus e patos ao seu redor. A legenda da imagem faz escárnio da mulher que busca conhecimento acima do trabalho braçal, como forma de emancipação:

E este... coitadinho! Deixemol-o em paz a engordar o peru de *madame*... Não se parece tanto com o *Escarmentado de Voltaire*?

Esta é a mulher do *boudoir*, a mulher da rua que passa pelo templo, a mulher dos comícios e das academias, a sabichona, a preciosa ridícula, a mulher *emancipada*. A’s vezes, em solteira, mademoiselle Giraud;

depois de casada, madame Bovary; e, quando viúva, Helena d'Une page d'amour. Synthese: -a macaca do paiz de Nod. (sic)

Imagem 2: A emancipação da mulher.



A descrição utiliza diversas referências clássicas (especialmente da literatura e da filosofia, como “A Princesa de Babilônia, as Viagens d'Escarmentado, e Come vai o mundo”, de Voltaire; “Mademoiselle Giraud, Ma Femme”, de Belot; “Madame Bovary”, de Flaubert; e “Une page d’amour”, de Zola) e termos em francês (como “boudoir”, por exemplo), em alternância com adjetivações em tom coloquial (como “sabichona”, “mulher da rua”, “macaca”), que constituem o escárnio valorativo acerca dessa mulher, caracterizada como não-modelar pelo grupo tradicional/conservador machista que valoriza a submissão da mulher-mãe-esposa como a “verdadeira mulher” (conforme a Fig. 1).

O autor-criador, que, como já dissemos, semiotiza a voz da revista e esta, por sua vez, reflete e refrata a voz machista de um grupo social conservador, refere-se ao *boudoir*, termo francês que se refere, como signo ideológico, à intimidade feminina. O lexema (*boudoir*) surge no final do século XIX, como designação para um quarto exclusivo para a mulher, onde ela se veste, pode receber suas visitas, ter conversas íntimas e praticar *hobbies*, como bordado e escrita. Trata-se

do espaço da privacidade da mulher, onde ela tem liberdade para discutir o que quiser, sem a intromissão do marido ou de qualquer pessoa. No início do século XX, ensaios de fotografia e pintura *boudoir* se tornaram um estilo de arte que flagra momentos íntimos da mulher – especificamente, a mulher da alta classe social. Com o tempo, o termo caiu em desuso. Na fig. 2, *boudoir* é usado como signo ideológico para valorar pejorativamente a mulher emancipada, que estuda, lê etc, transformada em uma mulher de alcova, “diabólica”.

Assim sendo, não basta estar dentro de casa, pois, a mulher não pode se emancipar (principalmente, como caracterizado na ilustração, pelos estudos, ou seja, pela inteligência), uma vez que a “verdadeira mulher” deveria usar seu tempo para cuidar dos filhos, do marido e da casa, já que sua vida não pertence a ela que, como afirma Beauvoir (1980a), é o “segundo sexo”, assim tratada, calcada nos discursos biológico e religioso. Ao privar a mulher do acesso a espaços públicos e ao conhecimento, ela não consegue desenvolver suas habilidades nem lutar por seus direitos e essa é a função da “proibição”. O cerceamento, o desestímulo e a demonização (o escárnio e o maldizer) fazem parte da estratégia discursiva de desencorajamento e de aprisionamento a um “modelo” de sujeito social. Para Saffioti, “[...] o dito popular ‘lugar de mulher é em casa’ é eloquente em termos de imposição da ideologia dominante. Em ficando em casa todo ou quase todo o tempo, a mulher tem menor número de possibilidades de ser estimulada a desenvolver suas potencialidades” (1987, p. 14) e, com essa coerção, junto de tantas outras, a desigualdade, a exposição ao abuso e aos maus tratos (todo tipo de violência) se agrava.

A legenda compara a mulher que busca emancipação a algumas personagens controversas da literatura da época:

Primeiramente, compara sua vida de solteira com a obra de ficção erótica lésbica **Mademoiselle Giraud, Ma Femme**, de Adolphe Belot (1871). Essa relação entre o desejo pela independência das mulheres e a homossexualidade é feita até hoje, pelo dizer popular de que a mulher feminista seria aquela “mal-amada”, não desejada pelos homens e que, por consequência disso, torna-se homossexual – além de implicar erroneamente acerca da questão da orientação sexual, colocada como uma escolha, ainda a coloca como segunda opção, ao não ser aceita/querida/desejada pelo homem, visto como a primeira escolha, a

“melhor” e “superior”. A homossexualidade, mal vista dentro da sociedade conservadora, é atrelada a ideias de imoralidade, ou seja, o autor-criador da legenda busca difamar a mulher feminista, entre outras formas, com uma noção de “depravação” e de identidade de gênero.

A segunda comparação, com a mulher casada, é feita com a protagonista do livro **Madame Bovary**, de Flaubert (1856). A obra foi tão controversa quando lançada que seu autor foi levado a julgamento, acusado de ofender a “moral”, os “bons costumes” e a religião. O livro conta a história de Emma, que não satisfeita com o casamento e a vida fútil e vazia da burguesia, passa a levar uma vida “imoral”, como “adúltera”. Por não conseguir pagar as grandes dívidas que fez, ela comete suicídio. Emma é apresentada como uma mulher irresponsável, um modelo a não ser seguido (logo, um anti modelo), pois uma crítica à decadência e à hipocrisia da burguesia da época. Colocar a mulher que busca emancipação pelo conhecimento como Emma significa valorá-la como adúltera, irresponsável e desejosa (algo que também não é permitido à “verdadeira mulher” – que seja livre em sua libido).

A terceira comparação é com **Une page d’amour**, de Zola (1878), que se volta ao caso de amor da viúva Helena, apaixonada por um homem casado, médico de sua filha e marido de sua amiga.

Nas três comparações, a emancipação é atrelada às valorações de “depravação”, traição e “dissimulação”. Isto é, alguém que não deve ser modelo para nada, nem respeitado.

Na dimensão visual, os traços e o tipo do desenho se assemelham ao da fig. 1. Ainda que lado a lado, a imagem da mulher se encontra à frente, não parece estar dentro de casa e, muito menos, no quarto ou com tom de intimidade; enquanto a imagem do homem se ambienta numa cenografia rural, livre, com animais e plantas. O homem é caracterizado como um trabalhador e seu trabalho é valorizado, diferente do estudo da mulher. Mesmo, então, a mulher estando em primeiro plano e pertencer a uma classe mais abastada que o homem trabalhador (o “coitadinho”, deixado “em paz”), em segundo plano, ela é menos valorizada que ele. Trata-se, no caso, de uma hierarquização entre o que Saffioti (1987) denomina “nó patriarcado-racismo-capitalismo”, que desemboca no que Davis (2016) conceitua como a interseção inseparável entre “gênero-raça-classe”.

A Revista pondera entre o gênero (mulher e homem) e a classe (abastada e trabalhadora) e se posiciona, deixando (momentaneamente) de lado (“em paz”) o “coitadinho” do trabalhador por ser homem, relacionado à mulher emancipada. Com isso, posiciona-se em favor do homem, “mesmo” o de classe mais baixa (inferiorizado pelo diminutivo e pela escolha lexical). Entre um homem trabalhador e uma mulher rica, seja em que condições forem, sempre o homem como “superior”. Esse posicionamento valorativo/ideológico revela a hegemonia patriarcal machista – não só da época, uma vez que, como veremos, ainda há ecos, ressonâncias e reverberações dessa mentalidade na contemporaneidade, em nosso país (mas também não só no Brasil).

O estudo, um dos atos mais subversivos de uma mulher (não só de uma mulher, mas também de um negro, de um homossexual, de um sujeito de classe baixa, em suas intersecções de gênero, raça e classe, complexas e indissociáveis, como estudam Saffioti, 1987 e Davis, 2016), é valorado negativamente por esse grupo, dado exatamente o seu caráter emancipatório perigoso, por isso, desestimulado e desvalorizado, especialmente em sociedades, em culturas e por grupos autoritários.

De acordo com Bakhtin,

Ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a *mim* e ao *outro*; o ponto de vista abstrato-cognitivo carece de um enfoque axiológico, a diretriz axiológica necessita de que ocupemos uma posição singular no acontecimento único da existência, de que nos encarnemos. Todo juízo de valor é sempre uma tomada de posição individual na existência; até Deus precisou encarnar-se para amar, sofrer e *perdoar*, teve, por assim dizer, de abandonar o ponto de vista abstrato sobre a justiça. (2011, p. 117, Grifo do autor)

Assim, a abstinência de atos é uma tomada de posicionamento de aceitação, portanto, favorável àquela vigente, uma vez que viver significa assumir posicionamentos ativos (mesmo que silenciosamente).

A imagem da mulher emancipada, acoplada a promiscuidade e a comportamentos inaceitáveis para a mulher naquela sociedade e época (e mesmo hoje, como veremos a seguir), é uma estratégia de valorização negativa para a sua independência. Nesse cenário, a “verdadeira mulher” é a “bem comportada”, a que aceita/submete-se ao lugar a ela imputado de “bela, recatada e do lar” (como veremos na reportagem da **Veja**), uma

vez que a tentativa de emancipação é vista como rebeldia típica das “bruxas” de outrora, da mulher imoral, para essa voz social machista e, por vezes, misógina.

## II. Bela, recatada e “do lar”

Mesmo a mulher tendo conquistado diversos direitos, ainda existe muito a ser feito e a luta continua desigual. Na superestrutura, as forças centrípetas tendem à hegemonia e à homogeneização que tenta cristalizar valores e estabelecer normas sistêmicas, apropriadas da infraestrutura, onde se constituem, em ato, como forma de resistência, como forças centrífugas e, nesse jogo, o diálogo plurivalente é constituído, em movimento, sem solução/finalização.

A ideia de que as mulheres devem ficar em casa, cuidando do marido e dos filhos tem uma força (centrípeta) que tenta centralizar e unificar uma única imagem de mulher. Essa concepção, defendida de maneira “dominante” por diversos discursos, de várias esferas, ao longo da história, continua presente e é apresentada, muitas vezes, por diversas mídias, como modelo aceito e a ser seguido, com o intuito de “impor” como “o ideal” a ser perseguido, realizado e alcançado pelas mulheres (como que por vontade e escolha própria). Em abril de 2016, a revista **Veja** publicou uma edição com uma matéria de Linhares (uma mulher), chamada “Bela, recatada e ‘do lar’”, sobre Marcela Temer, esposa do então vice-presidente (Michel Temer), com o subtítulo “A quase primeira-dama Marcela Temer, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”.

A revista valoriza positivamente Marcela por seguir “padrões” esperados e cobrados de uma mulher: ser contida, quase nunca aparecer e se preocupar apenas com sua família, servindo-a de forma obediente e em silêncio, feliz por poder realizar sua “função” e sem desejos de independência ou mudança, de sua vida e da sociedade ao seu redor. O domínio das roupas e das atividades da mulher é o controle de sua vida e de sua existência. Ela é exaltada por seguir a ideologia hegemônica que tenta impor, de cima para baixo, como uma mulher deve se portar (de forma submissa, materna e doméstica). Marcela semiotiza “o ideal” conservador de mulher, não apenas por seu comportamento

subserviente, mas também por seu corpo, que segue os padrões de beleza imputados à mulher nessa sociedade, nesse tempo (branca, magra, loira e jovem), de uma classe que revela *status* social de prestígio (o que é marcado como elegante por suas roupas de grife, seus gestos, expressões e falas reservados).

Essa matéria foi extremamente controversa e gerou diversas respostas na internet, principalmente de mulheres, que produziram os mais diversos enunciados, uns em consonância e outros em dissonância com a ideia apresentada pela *Veja* de como deveria ser o comportamento da mulher. Essa dialogia entre os enunciados mostra como as mais diversas vozes (tanto a voz de um grupo dominante/conservadora, que podemos ver materializada na revista; quanto a voz de resistência/subversão de mulheres que lutam contra essa tentativa de supressão de sua independência) estão em constante embate, dadas as multiplicidades de valores existentes na sociedade.

As ideologias machistas também estão presentes nos discursos das mulheres. Algumas assumem o papel que lhes é imposto como seu/próprio e o reproduzem socialmente, condenando outras posturas, de outras mulheres, que respondem a esses “modelos”. A advogada e pastora evangélica Damares Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro, durante uma seção da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, em abril de 2019, na Câmara dos Deputados, afirmou que “É dever da mulher ser submissa ao marido em seu casamento”. Ela justifica que “dentro da doutrina cristã, lá dentro da igreja, sim, nós entendemos que, num casamento entre homem e mulher, o homem é o líder do casamento” (MARTINELLI, 2020 – canal **Huffpost**, n. p., *online*). A igreja, na esfera religiosa, utiliza a estratégia pautada no discurso de autoridade máxima (“em nome de Deus”) para inculcar uma ideologia denominada “cristã” entendida como “de bem”. O discurso de Damares reflete e refrata a voz social fundamentalista religiosa conservadora, pautada no “Antigo Testamento”, que dita os modelos de Eva e Maria como ícones de esposa e mãe, enquanto expulsa Lilith e amaldiçoa Madalena, por seus questionamentos e comportamentos. A submissão como valor colocado, ao mesmo tempo, como “natural” e “divino” perpassa o *ethos* discursivo de Damares (e do governo atual), que discorda do Estado laico.

Em outro momento, Damares incute valorização negativa ao feminismo, durante um de seus cultos, como pastora, em que diz “Sabem por que elas (feministas) não gostam de homem? Porque são feias e nós somos lindas” (inclusão nossa). Esse enunciado mostra como, para a ministra, ser feminista significa ser feia e o signo ideológico feia contém, em si, a ideia consequente de “mal amada” por homens. Sua fala tenta deslegitimar o movimento, ao implicar que, se apenas as feministas fossem bonitas e conseguissem “arranjar um marido”, para então serem submissas, elas abandonariam a luta, pois perderiam seu desejo por emancipação. Com isso, o valor da mulher é centralizado apenas em ser conquistada (assim, de maneira apassivadora) por um homem e, nesse sentido, seu corpo passa a se configurar como metonímia de todo o seu ser, uma vez que a beleza é usada pelo patriarcado (como estuda Wolf, 2020), pois parte do processo de objetificação da mulher se faz pela desvalorização de suas qualidades globais: inteligência, coragem, assertividade, atuação, expansividade, questionamento, todas essas e outras características bem vistas e estimuladas nos homens, mas colocadas como negativas (“loucura”, “destempero”, “histeria”, “dominação”, “manipulação” etc) ou até mesmo como “masculinas” nas mulheres.

Em uma entrevista a Aguiar e Londres (2020) a respeito do dia internacional da mulher, Damares afirmou: “Não sou feminista. Eu sou feminina.”. Nesse enunciado, ainda que o elemento adversativo esteja suprimido, os valores incutidos em “feminina” e “feminista” se opõem, como se fossem características que se anulam. Ser “feminina” corresponde a ser “bela, recatada e ‘do lar’” ou, em outras palavras, elegante, comportada, contida, sem fala/voz, submissa, como já colocado, para ficarmos no *corpus* aqui delimitado, desde o século XIX, pela revista **O diabo a quatro**, de forma positiva; assim como, de forma negativa na mesma revista, o signo ideológico “feminista” é valorado de maneira pejorativa por Damares, uma vez que negado por ela, já que compreendido, em diálogo com outras falas da ministra e das revistas mencionadas, como “emancipada” ou, como diria Beauvoir (1980b), como aquela que “torna-se” sujeito (social) que, como dizemos hoje, empodera-se, ao tornar-se dona de si (“meu corpo, minhas regras”, “*girl power*”, “lute como uma menina”, entre outros bordões que exprimem essa luta – interna e externa – por gostar de si mesma, valoriza-se, dar-



se o direito de fala, de seu lugar, exigir ser ouvida, não se deixar calar, abater, ser interrompida, denunciar violências de todo tipo etc.). A fala de Damares dialoga, em embate contrário e contraditório, com todas essas vozes, concordando, por recuperação e confirmação, com o que chama de “feminino”, que coloca como oposto, porque discorda, ao “feminismo” – ainda que não sejam, necessariamente, opostos.

O signo ganha vida quando em movimento, na linguagem em uso, no ato do jogo social. Quando Damares coloca uma valoração negativa no termo feminista, ela polariza as mulheres em dois grupos, separados entre femininas *versus* feministas, como uma cisão *nós versus elas*. Como figura de autoridade, sendo ministra e pastora, Damares legitima a ideia de divisão e combate entre as mulheres, valida a prática de exclusão das mulheres que não seguem os padrões conservadores e coloca umas contra as outras.

Na onda crescente do movimento de extrema direita que vemos e vivemos atualmente, há uma tendência de se retomar ideologias antigas, como tirar os direitos das mulheres. Italo Marsili, psiquiatra cotado a ministro da saúde, deu uma entrevista no mês de maio para o canal **Brasil Paralelo**, em que afirma que o voto feminino é um problema na democracia, pois “[...] quando todo mundo pode votar, a gente vê que tem uma crise na regência do Estado. Porque é muito fácil convencer mulher a votar, é só você seduzi-la” (MARSILI, 2020). Ele ainda utiliza o caso de Winston Churchill como um homem que não seria eleito se as mulheres pudessem votar, pois “ele não é apazível, ele não é sedutor” e justifica seu posicionamento ao afirmar que a Grécia teria sido a única democracia que já deu certo, pois permitia o voto apenas de homens que possuíam mais dinheiro e diz “[...] quando as mulheres têm direito ao voto, a campanha eleitoral fica muito fácil de ser feita, é só fazer uma campanha populista, é só seduzir”. Marsili tenta jogar nas mulheres a culpa de um Estado afundado em uma grande crise econômica, social e política. Ele inferioriza as mulheres ao dizer que são manipuláveis, incapazes de tomar decisões racionais, e conseguem apenas obedecer a sua suposta “natureza seduzível”. O discurso de Marsili coaduna com o de Damares e com o do governo Bolsonaro. Um discurso preconceituoso e discriminatório, machista e misógino.

O direito do voto, no Brasil, foi conquistado pelas mulheres em 1932 e, quase cem anos depois, ainda existem aqueles que querem

deslegitimá-lo, incomodados com qualquer forma de atuação da mulher, apavorados com ideia de perderem sua “superioridade”, o que se expressa na fala de Marsili (a naturalização da inferioridade da mulher), que considera a mulher como um sujeito de segunda categoria, dado o fator biológico de sua maternidade, num diálogo explícito com as revistas **O Diabo a Quatro** e **Veja**, assim como com as declarações de Damares, discursos que refletem e refratam a voz do patriarcado.

De acordo com Saffioti,

[...] torna-se bem claro o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato é o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida do homem macho. Mulher frágil é a contraparte do macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do homem superior. (SAFFIOTI, 1987, p. 29)

Os enunciados apresentados dialogam entre si e confirmam uma ideologia de dominação sobre a mulher e seus direitos, mesmo que sejam produzidos com mais de um século de diferença. Essa dialogia mostra que, mesmo depois de tanto tempo, ainda existe uma ideologia hegemônica que sustenta a opressão, fundada nos discursos religioso e biológico, que permanece forte na mídia, imposto à sociedade como “modelar” e reproduzido por parte da população. Essas ideologias circulam de enunciado para enunciado, de geração para geração, pelas diversas esferas que integram a vida do sujeito (como a escolar, a midiática, a religiosa e a familiar, por exemplo), o que consolida e naturaliza essas noções de subordinação/inferiorização e objetificação da mulher, em embate de forças (desiguais) (VOLÓCHINOV, 2018) com o movimento de emancipação e subjetivação da mulher.

## Considerações Finais

A partir dos enunciados analisados, vimos a voz dominante presente na mídia, desde o século XIX até hoje, como aquela que deseja manter a mulher sob controle, submissa, presa dentro do lar, com o dever

de cuidar da família, sempre bondosa, elegante, contida, servil e discreta. Essa ideologia ressoa nos enunciados como reflexo e refrações sociais. Existe um movimento de mulheres que subverte essas expectativas, indo contra o que lhes é imposto, numa sociedade que tenta manter regras obsoletas de séculos, baseadas, principalmente, na moralidade fundamentalista da religião cristã e em justificativas científicas que consideram certas práticas como da “natureza” (biológica) da mulher, mesmo que não possam realmente provar uma natureza de gênero.

A naturalização dessa hierarquia é uma tática de dominação, utilizada por aqueles que possuem o poder em suas respectivas esferas, para a manutenção da estrutura patriarcal, enquanto o movimento oposto tenta romper com essa lógica sistêmica ao reivindicar direitos e exigir equidades, com denúncias acerca de abusos os mais diversos. Nos enunciados, como vimos, esse embate responsivo se expressa como reflexo e refração das vozes sociais, em ato de linguagem.

Os valores das ilustrações da revista de 1879 se confirmam na revista **Veja** lançada a apenas 4 anos atrás (2016) e nas falas (de 2019 e 2020) de políticos do atual governo brasileiro. Esses valores refletem e refratam a voz social tradicional e conservadora da classe dominante, que ecoa, ressoa e reverbera em discursos dos mais diversos gêneros e campos há gerações, como “verdade”, calcada na “vontade de Deus” e numa suposta “natureza”.

As mulheres que se posicionam contrárias à voz da tradição e se portam de outra forma são deslegitimadas e desqualificadas. Elas nem seriam mulheres “de verdade”, de acordo com o discurso hegemônico aqui tratado. A rebeldia é uma forma de resistência, mas os sujeitos subversivos (BAKHTIN, 2010b) recebem algum grau de punição por seu ativismo, seja a exclusão seja a perseguição ou ainda a reclusão da sociedade, sempre marcando sua desvalorização, com escárnio e maldizer, como vimos.

A linguagem é constituída pelas valorações que expressam as disputas socioculturais de poder. Ela reflete e refrata vozes sociais em embate, de forma responsiva e responsável. Assim, a opressão sobre ou a revolução da mulher passa pelos atos de linguagem, num jogo vivo de forças, que atuam, nem sempre de maneira equânime, contra e/ou a favor das mulheres (as que aceitam e as que não se submetem às suas vontades

alheias). Refletir sobre como essas vozes se expressam é relevante para pensarmos como os valores se perpetuam e como é possível resistirmos a eles.

Talvez, agora, depois dessa reflexão, tenha ficado mais claro para nós que “não se nasce mulher, torna-se” (BEAUVOIR, 1980b, p. 9). Assim, a “verdadeira mulher” carnavaliza ao subverter a ordem. Ao invés de “bela, recatada e ‘do lar’”, ela, por escolha resistente, torna-se bela, empoderada e do ler.

## Referências

AGUIAR, Plínio; LONDRES, Mariana. 'Eu não sou feminista, sou feminina', diz ministra Damares Alves. **R7**. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/r7-planalto/eu-nao-sou-feminista-sou-feminina-diz-ministra-damares-alves-09032020>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: UNESP, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do discurso**. Rio de Janeiro: 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Rio de Janeiro: 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Rio de Janeiro: 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLÓSHINOV). **Freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.

BRASIL 247. Damares ataca feministas: não gostam de homens porque são feias. 2019. **BRASIL 247**. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/damares-ataca-feministas-nao-gostam-de-homens-porque-sao-feias>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Arquivo Nacional. **CAPA DA REVISTA DIABO A QUATRO NOTAÇÃO - J339, capa v2, n. 193**.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Arquivo Nacional. **A EMANCIPAÇÃO DA MULHER - PÁGINA INTERNA DA REVISTA O DIABO A QUATRO NOTAÇÃO: J339, p. 8, v2, n. 193**.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MARSILI, Italo. #56 Convidados | **Brasil Paralelo** - Defender a LIBERDADE contra a TIRANIA. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uw888vst9nA>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MARTINELLI, Andrea. Damares Alves afirma na Câmara que mulher submissa no casamento é “questão de fé”. **Huffpost**. 2020. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/damares-mulher-casamento\\_br\\_5cb63e4ee4b098b9a2dbb565?guccounter=1](https://www.huffpostbrasil.com/entry/damares-mulher-casamento_br_5cb63e4ee4b098b9a2dbb565?guccounter=1). Acesso em: 23 jun. 2020.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), p. 706-722, jun. 2020a. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2691>. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691/1713>. Acesso em: 16 set. 2020a.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. **Revista Diálogos (RevDia)**, p. 111-131, v. 8 n. 3 (2020): Intergrupos: estudos bakhtinianos, 2020b. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 28 nov. 2020b.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. **Linha D’Água**, (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set.-dez. 2020c. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p105-134>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 28 nov. 2020c.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In: BUTTURI JÚNIOR, A.; BRAGA, S.; SOARES, T. B. (Orgs). **No Campo Discursivo: teoria e análise**. Campinas: Pontes, 2020d, p. 133-166.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. **Polifonia**, 2020e (no prelo).

PAULA, Luciane de; SERNI, Nicole M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. **Raído**, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jul. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 10 out. 2020.

PAULA, Luciane de. O enunciado verbivocovisual de animação – a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDES JR., Antônio; STAFUZZA, Grenissa B. **Discursividades Contemporâneas: política, corpo e diálogo**. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 287-314.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

STUDART, Heloneida. **Mulher. Objeto de cama e mesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Rio de Janeiro: 34, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

*Recebido em: 20 de julho de 2020*

*Aceito em: 10 de novembro de 2020*